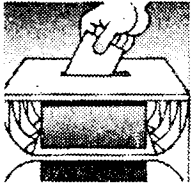


Candidatos exorcizam seus fantasmas

As crenças e bruxarias que assombram a vida de quem disputa a cadeira do supersticioso Sarney

MARA ZIRAVELLO



Do supersticioso Fernando Collor de Mello (PRN) ao materialista Roberto Freire (PCB), a opinião dos candidatos à Presidência é a mesma: exista ou não mau agouro, o melhor é prevenir. Na disputa pelo posto máximo de um dos maiores países católicos do mundo, eles evitam chamar de amuleto os penduricalhos que carregam — e de bruxaria as preces rezadas diante de pirâmides, conchas de Búzios ou cartas do Tarô. Como a maioria dos brasileiros, batem três vezes na madeira ao ouvir a palavra "azar", usam o pé direito para entrar em casa e voltam longos caminhos se derem pela falta dos seus preciosos talismãs.

Numa de suas viagens do Rio de Janeiro para Goiânia, Ronaldo Caiado (PSD) procurou e não encontrou uma placa de metal de 10 cm por 4 cm com a gravura de Nossa Senhora das Graças que carrega num lugar sagrado de suas calças: o bolso traseiro do lado direito. "Não tive dúvidas", conta o candidato. "Voltei metade do caminho só para pegá-la."

REZAS RÁPIDAS

Em momentos difíceis, onde é preciso decidir rapidamente, Caiado não deixa de recorrer à santinha. E Guilherme Afif Domingos (PL) acredita no mesmo milagre — com um santo diferente. "Rezo para Jesus, o chefe de

todos", afirma. Sob o bem feito nó da gravata, porém, não é a imagem de Cristo que Afif pendura numa corrente de ouro. Nela estão um crucifixo, um agnus dei e uma medalha de São Bento. Mesmo protegido por todos os santos, ele não passa o saleiro a ninguém, nem em nome da boa educação. "Dizem que a sorte vai embora e eu prefiro não arriscar", admite.

Não é o caso de Ulysses Guimarães (PMDB), que passa embaixo de escada, não tem medo de gato preto — mas corre atrás de madeira sempre que ouve a palavra "azar". "Ele é supersticioso, sim", revela dona Mora. Entre os temores do "senhor coragem", conforme está escrito em alguns **out-doors** de sua campanha, encontra-se a cor marrom — a mesma

que incomoda o presidente José Sarney. Apesar das tentativas de se desvencilhar do atual governo, Ulysses deve admitir que alguma coisa eles têm em comum.

MEDOS E MANIAS

Por via das dúvidas, o candidato do PTB, senador Affonso Camargo, tem uma pirâmide de pedra roxa na sala de sua casa. "Viveria muito bem sem ela, mas

me disseram que era bom ter uma", explicou. Vegetariano a conselho médico, Camargo afirma que nenhuma bruxaria o convence — mas experimenta todas. Em qualquer momento, ele faz relaxamento para alimentar a força do pensamento. "Não sou supersticioso, mas a energia positiva afasta o olho gordo dos outros", garante. "Mas não sou fatalista

nem acredito em destino traçado." Às vezes, Camargo pede para alguém jogar Búzios só por distração.

Se fosse para acreditar em azares, Aureliano Chaves (PFL) teria muito com o que se preocupar. Por ter nascido num dia 13, desde cedo aprendeu a se conformar com a própria sorte. Com sua inabalável fé em Deus, escuda-se de situações cabalísticas, e passa longe da numerologia.

Os candidatos que disputam a sucessão presidencial pelo lado esquerdo do páreo são, coincidentemente, os menos supersticiosos — embora não deixem de ter seus momentos de fraqueza. Eles não usam amuletos frequentes. Elegem seus talismãs de acordo com a situação. Antigos amigos de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), por exemplo, lembram de um presente ao qual o candidato atribuía a sorte: uma camisa de bolinhas, peça que Marisa, sua mulher, promete guardar a vida toda com muito carinho.

Sem os pois de Lula, Leonel Brizola (PDT) não fica atrás. Esporte ou social, o azul predomina em suas camisas de campanha. Em viagens, além da que usa no corpo, Brizola leva outra de reserva, sempre guardada num envelope de papel pardo. Com um guarda-roupa mais variado, o senador Mário Covas (PSDB) tem uma fonte de sorte mais difícil de ser trocada: sua mulher, Lila. Covas não entra em comício nem começa um discurso antes de ouvi-la — ainda que seja por telefone público. Entre as pesquisas de intenção de votos e o índice de audiência de programas políticos, os candidatos, gostariam, no fundo, de prever o futuro numa bola de cristal. Mesmo o cético Roberto Freire (PCB). Um de seus assessores, Tibério Canuto, jura que o candidato não acredita em bruxas — mas que elas existem, existem.